

A QUEDA DO HOMEM, A CIÊNCIA E A TÉCNICA EM ANIMALESCOS, DE GONÇALO M. TAVARES

ALESSANDRA ZANIOL¹; BETINA GOULART LINDEMANN²; MARIANA MÜLLER DE ÁVILA²; ALFEU SPAREMBERGER³

¹Universidade Federal de Pelotas – alessandra.zaniol@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – betinalindemann@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marianaavilaa@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intenção fazer a análise do romance **Animalescos** (2013), de Gonçalo M. Tavares, escritor e professor universitário nascido em Luanda. A partir da perspectiva do narrador analisaremos as críticas à técnica e à ciência presentes no texto, levando em consideração as reflexões levantadas pelo narrador a respeito da crueldade e dos efeitos e consequências da ciência na vida moderna. O objetivo desta pesquisa é apresentar a teoria da ciência e da técnica presente no discurso do narrador, partindo dos questionamentos e abordagens críticas realizadas por MENESES (2014), NEVES (2014) e LACERDA (2014) e SIBILIA (2003).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como fundamento metodológico a investigação bibliográfica, da ordem do qualitativo, em que o discurso do narrador de **Animalescos** é confrontado com as orientações da ciência e da técnica no quadro da modernidade e da pós-modernidade. O narrador contemporâneo, e no caso específico da obra referida, pode ser inscrito num quadro esquizofrênico, em que domina a técnica do fragmento, sugerindo, assim, a fragmentação do conhecimento. Paralelamente, o texto ficcional questiona e discute os valores da técnica, seus fundamentos e consequências de uma abordagem do mundo pelo exclusivo viés da ciência, fato que revela uma humanidade decaída.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta obra de Gonçalo Tavares, a humanidade do ser se mistura com traços de animalidade e instintos que guiam os personagens em suas ações, e vem daí a queda do homem, que, colocado no limite libera seus instintos e vai perdendo sua humanidade: “E como os homens tem medo de sair daquela sala para o resto do mundo onde por vezes acontece essa coisa tão barbara, tão pouco humana, de surgir um acontecimento imprevisto” (TAVARES, 2013, p. 69).

Por causa deste medo o animal homem não pode erar, já que na era da técnica o erro não é tolerado: “nota errada chicotada imediata, assim aprendem a os animais bem medicados o dó, ré, mi e op” e “quem cai para dentro será queimado, e merece, pois falhou no passo de dança”. O narrador apresenta um experimento com um cão que é colocado dentro de um quadrado desenhado no chão e toda vez que o cão tenta sair recebe um choque e o procedimento se repete até que o cão não sai mais do quadrado nem para comer, mesmo já estando em pele e osso e então o cão morre. A dor ensina ao homem e ao animal

a repreender seus instintos por causa do medo da situação onde foi colado e assim tanto o homem quanto o cão se reprimem por que tem “mais medo do quadrado no chão do que do inimigo que lhes aponta uma arma”.

E este experimento é feito por causa da necessidade da ciência em ser a mediadora da evolução. Para isto, no entanto, é preciso que algumas crueldades sejam feitas, já que não há progresso sem ciência e não há ciência sem crueldade. A teoria da ciência no texto é apresentada de forma diferente, posto que o narrador expõe as ideias fazendo uso de uma narrativa complexa. Ciência é a maldade que faz haver o progresso.

Isso não se faz, claro, isso é maldade má, mas as experiências são assim e assim se construiu o progresso, tira da ciência a perversidade e a ciência volta as carroças guiadas por cavalo, por isso avancemos (TAVARES, 2013, p 53).

Isto nos remete ao pensamento de Maquiavel, em que os fins justificam os meios. No caso de **Animalescos**, a ciência é vista como cruel, porém necessária. Além da ciência, o narrador apresenta também a técnica, como invasora e destruidora do equilíbrio e que agora é a responsável por mover a modernidade: “já não batemos palmas à luz súbita e excessiva e barulhenta dos relâmpagos, batemos palmas ao que funciona, e o fascínio do movimento dos ponteiros do relógio vem disto” (TAVARES, 2013, p. 68). Por este viés da modernidade a técnica e a perfeição valem mais do que quaisquer outras virtudes humanas: “É um bailado mais belo do que qualquer bailado humano porque é sempre igual, não há enganos” (TAVARES, 2013, p. 68-69).

A técnica no texto é apresentada como a repetição de movimentos contínuos, movimentos perfeitos como os de um relógio. Este artefato, “cuja única função consiste em marcar mecanicamente a passagem do tempo, simboliza como nenhum outro as transformações ocorridas na sociedade ocidental em sua árdua transição para o industrialismo e para a lógica disciplinar” (SIBILIA, 2003, p. 24). A técnica aí envolvida revela a produção de rotinas regulares e ordenadas, disciplinando o trabalho e o corpo. Evidentemente que o esquadrinhamento do tempo não se operou sem violência: o organismo humano teve que sofrer uma série de operações para se adaptar ao novo compasso. Aqui, tem-se a impressão de que o fascínio exercido pelo relógio demanda um outro ordenamento, pré-moderno, mas já de intensa alteração do orgânico e do modelo de organização capitalista. Isso porque o tempo hoje parece um contínuo, sem interstícios, do mesmo modo que o dinheiro, “imaterial”, e sem fronteiras fixas. Assim, e mais uma vez, “o relógio serve como emblema e como sintoma, expressando em seu corpo maquínico a intensificação e a sofisticação da lógica disciplinar na sociedade de controle (SIBILIA, 2003, p. 30). Deste modo, o mexer dos ponteiros se torna um acontecimento fascinante no romance **Animalescos**:

Ficam fascinados com aquela rotina: o ponteiro dos segundos a andar mais rápido, depois o ponteiro dos minutos, quando ele muda, que alegria, e depois, muito tempo depois, o ponteiro das horas, como ele se move lentamente, e o fascínio está nestes três movimentos, e este é o novo espetáculo que chama multidões no final do século (TAVARES, 2013, p. 68).

Mas apesar da técnica e do fascínio da máquina, ela não chega aos caminhos tortuosos da mente humana. Somente os homens são capazes de

adentrar os mistérios e os caminhos da mente, pois isto exige que sejam feitos desvios e estes somente o humano pode fazer.

Ordenar a cabeça desorientada dos desgraçados e, por isso, manda psicanalistas a sítios inacessíveis as máquinas que só sabem andar em linha recta, nestas florestas todas tortas que se riem da forma de caminhar de um comboio ou até de um carro, a esses sítios inteligentes (TAVARES, 2013, p 121).

4. CONCLUSÕES

Em **Animalescos** a técnica e a ciência são resultados da ganância do homem na busca pelo progresso. Este mesmo homem, colocado em situações de risco, age através do medo e extrapola os limites da ética, perdendo assim suas virtudes e o resultado disto é a queda do homem.

O homem é o único animal suficientemente cruel para concretizar o processo científico. Tal processo depende da crueldade, e essa é inerente ao homem, visto que a ciência é “maldade má”.

Precisamente esta disponibilidade do homem para a maldade e o seu retorno irracional a um estado livre e primitivo do ser que Gonçalo M. Tavares nos vai relatando no decurso das 39 vertiginosas micronarrativas que compõem *animalescos* (NEVES, 2014, p. 2).

Através da análise e reflexões levantadas concluímos que **Animalescos** é um retrato real da sociedade, apesar de ser um retrato abstrato, tal qual as obras de Francis Bacon, artista que ilustra a capa deste romance de Gonçalo Tavares. O ser humano, despido de seus aparatos tecnológicos, chega a ser um corpo só quando misturado ao animal, vale dizer, *animalesco*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, M: A morte do humano como o “fim” da sociedade: uma nova lógica de dominação na modernidade? **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: n.40, 2014, pp. 243-256.

NEVES, M. S. Corpus mobile: uma descida aos confins do humano com Gonçalo M. Tavares. **Navegações. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, 2014, pp. 158-164.

MENESES, P. **A era da técnica em Animalescos de Gonçalo M. Tavares**. Publicado em 2014 nas atas do XV Colóquio de Outono. As humanidades e as Ciências. Disjunções e Confluências (organizadas por Ana Gabriela Macedo, Carlos Mendes de Sousa e Vitor Moura), pp.181-196.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.